

## 2 CAMINHOS DO SABER: reflexões.

Vera Brandão<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho teve como objetivo uma revisita ao trabalho de pós-doutoramento em Ciências Sociais – Antropologia, na perspectiva interdisciplinar proposta por Fazenda, tendo como guia o filósofo Hilton Japiassu, na análise da construção do saber em um tempo de mudanças aceleradas, por meio das narrativas de professores universitários e artistas plásticos. Buscou desvelar a articulação entre as bases teóricas das disciplinas: Antropologia, Sociologia, Filosofia, Arte, Memória Social e Educação exercício interdisciplinar a partir do qual propomos uma reflexão renovada sobre pesquisa, análise e ação formativa. Indicamos, nesta perspectiva, a relevância do pensamento de Japiassu na abertura dos caminhos que trilhamos, desde então, como base formadora de nossa atuação profissional como educadora.

**Palavras-chave:** Construção de saberes, interdisciplinaridade, pesquisa e ação formativa.

Este artigo resulta de uma revisita ao doutorado em Ciências Sociais – Antropologia<sup>1</sup> no qual a obra de Hilton Japiassu *Desistir do Pensar? Nem Pensar* (2001) teve fundamental influência, no amadurecimento de minhas reflexões à época, reafirmando minhas práticas e consolidando a formação como educadora.

O Sapere-aude - ouse pensar, tenha coragem de usar sua inteligência - como proposto pelo autor, veio de encontro a questões que norteavam a investigação, fortalecendo o enfoque almejado ao assumir uma reflexão “de risco”, como me foi alertado à época.

Ouvi de muitos que minha “ousadia” poderia custar o bom êxito de um projeto muito “ambicioso”, ao buscar os caminhos do conhecimento inter-relacionando saber e arte. Ou a arte do e no saber! Sempre considerei a aula na qual o professor nos faz ir além da mera explanação e desafiar o senso comum, o já conhecido e pensado, e nos despertar para novas possibilidades, uma obra de arte. Tive o privilégio de participar de muitos desses momentos e gostaria de desvelá-los, em investigação de como se constrói o saber, por meio das narrativas de professores e artistas.

---

<sup>1</sup> **VERA BRANDÃO** – Pós-doutoranda em Gerontologia Social – Programa de Estudo Pós Graduado em Gerontologia / PUCSP; Mestre e Doutora em Ciências Sociais- Antropologia/ PUCSP; Pedagoga (USP). Pesquisadora CNPq (PUCSP). Docente COGEAE; Coeditora da Revista Portal de Divulgação. <http://www.portaldoenvelhecimento.com/revista-nova/index.php/revistaportal/index> E-Mail: [veratordinobrandao@hotmail.com](mailto:veratordinobrandao@hotmail.com)

O Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares – GEPI - do qual passei a participar no ano 2000 a convite da prof<sup>a</sup> Ivani Fazenda – apresentou-se como espaço necessário ao desenvolvimento da pesquisa, no qual tomei contato com as premissas interdisciplinares, como atitude de abertura frente aos saberes, e que se aliavam aos pressupostos de Japiassu, especialmente na obra acima citada.

O trabalho a que me propunha, visto como “estranho”, audacioso e de risco teve no GEPI o lugar de descobertas, encontros e encantos do pensamento livre e ampliado, no qual me senti acolhida e compreendida, no ouvir e partilhar entre tantas questões trazidas as que me inquietavam. Nele o “ouse pensar” era a prática corrente....Ousei.

Caminhando...

Neste tópico, indico o caminho de construção do saber trazendo alguns dos autores entre os quais se estabeleceu um “diálogo” interdisciplinar fruto das “ousadias” dessa jornada de “aventura” na busca da beleza dos caminhos do conhecimento. Dos estudos na área das Ciências Sociais, até então realizados, um autor se destacava: o antropólogo George Balandier. Foi da leitura da obra *A Desordem. Elogio do movimento* (1997) que surgiu a questão de base do doutorado: como se constrói o saber em um tempo de movimento mais incerteza, que caracteriza a sobremodernidade?

Sobremodernidade é o termo utilizado pelo autor para designar o mundo em mudança, que acreditamos de maior abrangência e significado, do que outro mais utilizado - pós-modernidade -, porque transmite a ideia de superposição, acumulação, em que nada é desprezado, mas (re) significado, na perspectiva de processo.

Conversando com os colegas da Universidade e alunos a respeito das aulas, dos textos e dos próprios professores, constatávamos que, diante da pressão exercida pela sociedade de consumo, as soluções instrumentais dirigidas ao mercado de trabalho eram estendias ao ensino e à pesquisa. Diante de tal panorama, a sensação era de apenas “obrigações e prazos a cumprir”, para professores e alunos. Como afirma Japiassu (2001) “há algo surpreendente nas universidades: o clima de medo que nelas reina. Todo mundo parece ter medo de todo mundo”, pois, como anunciava, “a lógica do conhecimento submete-se à lógica da encomenda, conseqüentemente, à lógica do mercado” (JAPIASSU, 2001, pp. 78-79).

O medo que norteia as relações e dinâmicas acadêmicas era, e ainda é, uma verdade! As indagações se multiplicavam: como incorporar, na pesquisa e na docência, as experiências de vida e trabalho, cada vez mais ignoradas, em um momento de supervalorização do conhecimento tecnocientífico? Como indicar o caminho possível de articulação e construção de saberes renovados, na perspectiva fenomenológica, vista como “de risco” tendo como perspectiva apenas o “rigor acadêmico”?

Em sua crítica ao “modelo” vigente, Japiassú comenta:

Tanto os professores quanto os alunos podem subordinar seu ensino e sua aprendizagem às palavras de ordem das necessidades do mundo econômico.

Profissionalizar consiste, antes de tudo, em reduzir o campo dos conhecimentos, a pretexto de especialização necessária à eficácia, à rentabilidade (da formação, do formado e do formador). Neste sentido, é altamente castradora da liberdade, pois faz demasiadamente concessão ao saber, só levando o indivíduo a aprender o que é útil. Se o especialista é alguém que possui grandes lacunas em sua ignorância, profissionalizar significa aumentar estas lacunas (JAPIASSU, 2001, p. 85).

O mundo atual, de mudanças cada vez mais aceleradas, nos faz perceber hoje, nesta revisita ao doutorado apresentado em 2004, que nossa imaginação sobre o futuro é sempre tímida frente à rapidez na evolução do conhecimento.

Mas a afirmação de Balandier de que a modernidade é o movimento mais a incerteza (1997, p.11) ainda se mostra adequada para descrever o cotidiano, em todos os aspectos da vida privada e social. E se tudo é movimento e incerteza como valorizar a experiência, pensada no contexto da construção do pensamento e conhecimento acumulado e articulado, na perspectiva das trajetórias do vivido? Afirma o autor:

A época é cada vez menos propícia para uma representação linear do percurso de vida, a uma gestão do tempo que acompanha a duração do tempo sob a única reserva dos cortes atribuídos à má sorte ou à fatalidade. A incerteza prevalece, o presente está para ser conquistado sem prazo determinado e o ciclo da vida individual toma o aspecto de uma corrida de obstáculos. É um tempo onde nada se adquire de forma segura, nem o saber e a competência, nem o emprego ou o período de atividade, nem o apoio social e objetivo que assegura a existência privada (BALANDIER, 1997, p.172).

A obra de Boaventura Souza Santos também colaborou em nossas reflexões teóricas sobre algumas questões aqui apontadas, pois seu pensamento polêmico e fértil de indicações trouxe à pesquisa novos questionamentos e possibilidades, reforçando a necessidade da “conversa” interdisciplinar entre saberes complementares.

O autor, analisando as mudanças em sua magnitude e rapidez, e da aparente falta de perspectivas, diz que elas podem levar ao chamado, consenso de resignação (Santos, 2000), pois diante de fatos graves, perante os quais deveríamos ter uma atitude crítica, adotamos uma postura passiva, ligada à ideia de predestinação, na qual tudo já está predeterminado e onde não há nada a fazer.

Retoma um conceito usado por Leibnitz, e o traz ao nosso contexto, em uma análise dos problemas inerentes às globalizações, e nele uma proposta sobre uma nova teoria crítica. Sob essa perspectiva observará uma razão indolente que parece ser a tônica de muitos discursos atuais, de “tom” é pessimista. Completa:

No prefácio da Teodicéia [1710 (1985)], Leibniz refere a perplexidade que desde sempre tem causado o sofisma que os antigos chamavam a “razão indolente” ou “razão preguiçosa”: se o futuro é necessário e o que tiver de acontecer acontece independente do que fizermos, é preferível não fazer nada, não cuidar de nada e gozar apenas o prazer do momento. Esta razão é indolente porque desiste de pensar perante a necessidade e o fatalismo (SANTOS, 2000, p.42).

Segundo o autor, anteriormente havia uma alternativa entre experiência e expectativa, que foi rompida – se a experiência era ruim as expectativas eram boas. Hoje, as expectativas também são menos brilhantes e mais negativas, e o que não está bom só tende a piorar. Uma posição resignada, diante da desordem, que contamina tantos estudiosos, pode ser revertida também com a possibilidade de surgimento de um pensamento alternativo – (des) pensar para (re) pensar – para novas formas de ação social<sup>2</sup>.

Aqui encontramos o ponto comum com o pensamento de Japiassu, pois para (des) pensar e repensar é preciso o *sapere-aude* – ousadia de pensar e coragem de usar a inteligência.

Segundo Morin (2000) a complexidade do saber e ação é característica inerente ao ser humano, considerando a perspectiva biopsicossocial, e deve ser encarada em sua ambiguidade como geradora de pensamento articulador. Mesclam-se, assim, as complexidades do humano, da apreensão do saber e própria do momento de mudanças profundas. (MORIN, 2000).

Nossa prática como educadora e pesquisadora evidenciava a complexidade vivida, nos diversos grupos de profissionais - de áreas diversas de atuação, de diferentes faixas etárias - bem como em grupos não profissionais - com nível social, idade e grau de instrução desigual - um movimento de busca, troca e (re) construção dos saberes-fazer. A necessidade real de preparação para a profissionalização pode, nessa perspectiva, ser revista, valorizando a integração e ampliação dos saberes. A integração evidencia, por meio das trocas, as cicatrizes como marcas da experiência, no espaço e tempo da cultura. Como afirma Severino (2001), o que se tem é uma construção histórica e coletiva do objeto pelos sujeitos.

O conhecimento individual se dá sobre o fundo de uma experiência radicalmente histórica e coletiva que lhe é anterior e que lhe serve de matriz placentária. Esse contexto, como um tecido que vai se complexificando pela contínua articulação de novas experiências passadas e acumuladas, é a cultura, uma das mediações concretas da existência dos homens. E a cultura é o universo do saber. Isso é válido tanto no plano da experiência epistêmica do indivíduo – trata-se sempre de uma experiência que vai se construindo e acumulando, sintetizando, reorganizando e sistematizando dados – tanto no plano da própria humanidade, tanto na perspectiva ontogenética como na perspectiva filogenética. (SEVERINO, 2001, p.35).

O encontro – saber, beleza, harmonia e o tempo.

Como o homem pode ser feliz no interior da lógica do sistema, onde só tem valor o que funciona segundo previsões, onde seus desejos, suas paixões, suas necessidades e suas aspirações passam a ser racionalmente administrados pela lógica da eficácia econômica que o reduz ao simples papel de consumidor. (JAPIASSU, 2001, p. 56).

Esta afirmação nos remete a outro conceito “ousado”: a felicidade, que parece uma questão fora de contexto nos dias atuais, um sonho, uma ilusão. A felicidade, ideal intrínseco a todo ser humano, é hoje pretensamente alcançada pelo consumo. Ser feliz é consumir! O autor sugere que no mundo da sobremodernidade, acelerado, tudo é fugaz como o consumo que promete o prazer imediato que se extingue assim que realizado. Existe espaço para a felicidade trazida pela beleza da criação do conhecimento como construção de sentido para a vida?

Beleza é ao mesmo tempo conhecimento e poesia, história e meditação, substância do visível e sentido da vida [...] é ao mesmo tempo essência e ciência [...]. Para Platão, a beleza está associada à harmonia, que é essencialmente um ritmo, do qual provêm as proporções [ela] é irredutível a qualquer análise, pois associa o indizível ao dizível, o invisível ao visível [...] associa unidade e complexidade. (RANDON, 2000, pp, 115-121)

A construção do saber, nessa perspectiva, tem a beleza e harmonia que lhe são próprias, e a qual associamos à ética do trabalho responsável, mobilizador e modificador, na procura do equilíbrio das diferenças, e encontra eco na afirmação de Japiassú: ouse pensar, ouse saber, porque pensar é exercer uma atividade crítica, mantendo sua oposição a uma visão instrumental do saber, que não contemple a beleza da aventura na sua construção e compreensão. Complementa:

Estamos vivendo uma época de grande conformismo intelectual, em que nossa sociedade parece ter renunciado a pensar-se como algo positivo e a pôr-se verdadeiramente em questão [...] cada um se sentindo praticamente impossibilitado de criar o sentido para sua vida num mundo dominado pelo funcional e o instrumental [...] Devemos continuar acreditando que, para mudar o mundo, precisamos pensá-lo [...] e para pensá-lo em profundidade precisamos querer mudá-lo (JAPIASSU, 2001, p.9)

O autor afirma que é possível construir espaços geradores de beleza e harmonia no qual seja possível que “todas as criatividadees possam conviver com todas as pluralidades”, mas que pode ser destruída pela certeza da razão absoluta.

O interesse pelo “mundo” exclui a negação das realidades nele existentes. Interesse e desejo de conhecer levam às dúvidas, questionamentos críticos, e negação de pressupostos vigentes. Na estrutura da sociedade “organizada” a liberdade de pensar e questionar e negar algumas “verdades e certezas” pode ser visto como uma ameaça, mas também um desafio para novos “pensares”. A criatividade que o livre pensar promove joga luz em “cantos” obscurecidos pela razão, mas ainda pulsantes e repletos de brilho.

No projeto realizado para o doutorado ao entrelaçar conhecimentos trazidos pelas narrativas de professores universitários e artistas buscávamos resgatar a harmonia e beleza dessas construções, como percebidas por nós, mas que não poderiam ser “enquadradas” em categorias das verdades e certezas absolutas. Pulsavam nelas as subjetividades, as dúvidas, os recomeços, o “des-pensar para repensar”, e a única certeza era a de um caminho aberto à exploração. Nada pronto, acabado, mas vivo, em processo.

O tempo para essa construção não obedecia, necessariamente, prazos estipulados e encomendas, mas seguia as possibilidades do vivido e experienciado. Um tempo longo! Constatamos que vivemos duas temporalidades interligadas: a externa, social, marcada em horas, dias, fatos históricos; e outra interna, daquilo que foi vivido, mas filtrado pela percepção e registrado subjetivamente (e/ou inconscientemente). Martins (1998) distingue duas dimensões no tempo: Cronos (tempo cronológico, marcado) e Kairós (tempo vivido), pensando o tempo não como objeto de nosso conhecimento, mas como “uma dimensão do ser de cada um de nós”. (MARTINS, 1998, p.17).

A partir dessa afirmação, podemos argumentar que temos um “conhecimento” objetivo do tempo externo, pois o vivemos no meio sócio histórico, mas o apreendemos também subjetivamente - a “percepção do tempo” servindo de base para à compreensão e formação do nosso imaginário, que permeia a cultura da qual fazemos parte. Da apreensão/percepção (subjetiva) formamos o que é nosso conhecimento/saber e a base para a ação (objetiva), os fazeres. A construção do saber, nessa perspectiva, é processo que incorpora e articula as experiências e tempos internos, individuais, que se concretizam e rearticulam no tempo e espaço social, externo, dando as condições de seu uso e transmissão.

No contexto de movimento mais incerteza, na temporalidade esquizofrênica, o ser humano sente-se perplexo e não encontra respostas diante da sensação de um mundo que pede respostas rápidas, não considerando a necessidade dos “tempos” – cronos e kairós - para assimilação e reflexão.

A reflexão sobre o tempo é ambígua, pois nela se encontram a harmonia e a beleza do saber, e a desarmonia, que inquieta e nos faz “ousar pensar” e “ousar saber” superando estereótipos impostos sobre os conceitos de beleza e equilíbrio e seus opostos. Esse distanciamento da lógica preestabelecida nos encaminha para uma “lógica da descoberta”, aquilo que se aprende quando “nada parece se passar” (PAIS, 2000).

Nosso interesse de pesquisa foi despertado por pessoas próximas, que faziam um trabalho rico e inovador, distante do “conformismo intelectual” prevalente. Os narradores são figuras públicas, reconhecidas por suas competências intelectuais e artísticas, mas além do discurso e da obra havia um “algo a mais” a mostrar que nos motivou a desvelar seus processos de trabalhos, além de mostrar resultados concretos em obras e pesquisas, que podiam nos ensinar a pensar e agir de modo renovador. Afirma Wassermann (1972), que a aprendizagem em muitos casos é predominantemente automática e a ação reflexa. Os alunos devem ser levados a perguntar, examinar, analisar, desafiar e, neste sentido, é mais importante acentuar-se o processo de aprendizagem e

relativizar o produto. A aprendizagem assim estimulada baseia-se no profundo respeito pelos indivíduos como seres humanos únicos. Quando se respeita o outro se estimula o respeito mútuo e o auto respeito.

Para podermos pensar, precisamos ter o atrevimento de pensar. Esse atrevimento supõe confiança em nós mesmos e em nossas capacidades. Quando temos confiança, muitas vezes conseguimos realizar tarefas que estão acima de nossas expectativas. (WASSERMANN, 1972, p.327)

Nas discussões a respeito da sobremodernidade ou pós-modernidade, e a consequente crise de paradigmas, adota-se, muitas vezes, uma ótica totalmente negativa que faz tábula rasa de tudo o que existe em termos de cultura. É como se nada mais servisse, fosse descartável ou passível de globalizações empobrecedoras. Acrescente-se, nesse contexto, o tempo percebido como acelerado e impeditivo a observação e análise do

cotidiano, a própria realidade que se vive e se (re) constrói a cada instante, de modo amplo e despreconceituado.

O que se passa quando nada se parece passar – como afirma Pais (2000) - aguça a atenção nas reflexões sobre questões relativas à construção do saber, em um momento de mudanças e incertezas. No cotidiano de nossos encontros, quando parecia nada se passar, enxergávamos a riqueza de saberes e fazeres dos quais os narradores eram possuidores. O mundo em que vivemos é de mudanças. E quando não o foi? Balandier diz que a antropologia evidencia, em todas as sociedades, potencialidades alternativas. O germe da mudança está sempre presente e isto faz o progresso das culturas, em seus aspectos positivos e negativos. Assim, por que se tem uma impressão de esgotamento e não se enxerga como positiva a dinâmica do movimento em sua cotidianidade?

Devemos, pois nos aproximar com respeito dos diferentes saberes, seguindo uma lógica da descoberta, que se renova a cada encontro. É a descoberta no e do cotidiano, que muitas vezes causa medo e incomoda, pois se arrisca deixar a segurança do que já é conhecido por algo inovador, e que pressupõe movimento e incertezas. Para tanto devemos estar alertas, termos espírito crítico e escolher entre as várias possibilidades. Estudar, refletir, admitir erros e falhas, voltar atrás. Por que nos atemos às “certezas”, sem ousar? Ficamos indolentes? No registro da descoberta teremos um processo de constante e cotidiana admiração pelo universo circundante e de movimento de apreensão e ressignificação.

A Estética da Interdisciplinaridade e as lições de Japiassu.

Longo foi o caminho percorrido na busca de respostas as nossas inquietações, dúvidas, desanimo, incertezas. Encontramos narradores e autores teóricos com quem “de mãos dadas” caminhamos a passos largos, em ciranda e, muitas vezes, em estonteantes rodopios, na busca do sentido do saber como sentido da vida. No caminho surge imponente, mas acolhedora figura da Interdisciplinaridade, que “brincou de roda”, saiu correndo, voltou brincando indicando que sim, o caminho estava aberto e só começando. Em meio ao

caminho o mestre Japiassu alertava: Desistir do pensar? Nem pensar? e nos dando as mão guiou nossos passos nas descobertas, e quando estávamos

cansados, desanimados até, frente a tantas tarefas, ouvíamos dizer “ouse pensar, ouse saber”.

Ele nos ajudou a ver beleza na construção do saber, e superar a “angustia” que o mundo instrumental aponta, e encontrar a estética que articula tantas ambiguidades. A perspectiva interdisciplinar nos propõe muitos encontros: em primeiro lugar conosco mesmo e depois entre pessoas com interesses comuns, científicos ou outros. Existem discordâncias, dúvidas e o próprio medo frente a um campo desconhecido. O domínio disciplinar e o distanciamento por ele proposto mapeiam nosso caminho, precisamos deles para seguir em frente. Mas, metaforicamente, se nunca sairmos dos mapas conhecidos, não veremos a cascata que se prenuncia por um ruído distante, ou não teremos curiosidade para subir um pouco mais e descobrir o que se avista do alto. É preciso ousar!

A atitude interdisciplinar propõe a perspectiva do uno e do múltiplo, atenta para as várias possibilidades trazidas pelas disciplinas e pelos sujeitos, tendo consciência das intersubjetividades envolvidas, fazendo delas não a fraqueza, mas a força, na construção de um saber inovador.

Essa atitude de abertura frente ao conhecimento, como proposto por Fazenda (2001), e os princípios que a regem - humildade, coerência, espera, respeito e desapego - têm como atributos a afetividade e a ousadia que impelem às trocas intersubjetivas, às parcerias, uma atitude de aproximação, pesquisa e apreensão dos saberes e fazeres em mudança e, também de enfrentamento e revitalização nas e das práticas.

Afirmamos que a atitude interdisciplinar, que destaca a fundamental articulação entre saber-saber, saber-fazer, e o saber-ser, como proposto por Fazenda, foi observado na ação dos narradores na medida em que mostraram o rigor – compromisso e competência - e a ética na trajetória de vida, por meio dos projetos existenciais e de trabalho. Consideramos a interdisciplinaridade como perspectiva para apreender e articular as complexidades dos seres e dos saberes. Se os saberes são construções humanas, no tempo e espaço da cultura, podemos considerá-los, assim como aos indivíduos, portadores de identidades complexas, múltiplas e passíveis de serem reconstruídas, por meio de ações integrativas.

Desordem e mudança, inerentes à natureza, não são impedimentos para a construção do saber, mas fatores constitutivos dos seres e saberes e das sociedades dos quais são construtores e constructos. Os desafios estão nos tempos vividos, internos e externos, e a busca de superação dos mesmos é a ação que funda as culturas. A partir dessas reflexões voltamos a Japiassu que afirma que “saber é um dever, um risco que cada indivíduo deve correr conscientemente para ter acesso ao estatuto de sujeito livre e racional” (JAPIASSU, 2001, p. 30).

Ouvindo os rumores quando nada parecia se passar encontramos, a partir do entrelaçar dos estudos teóricos, em especial os autores aqui destacados, e as

narrativas de campo, os rumos que nos levaram ao término do projeto do doutorado em Ciências Sociais – Antropologia. Finalizo estas reflexões com as palavras de outro parceiro de caminhada “quem primeiro deu a mão” nos caminhos do Sapere-aude:

Em etnografia, o dever da teoria é fornecer um vocabulário no qual possa ser expresso o que o ato simbólico tem a dizer sobre ele mesmo – isto é, sobre o papel da cultura na vida humana [...] Olhar as dimensões simbólicas da ação social – arte, religião, ideologia, ciência, lei, moralidade, senso comum – não é afastar-se dos dilemas existenciais da vida em favor de algum domínio empírico de formas não-emocionalizadas; é mergulhar no meio delas [...] A vocação essencial da antropologia interpretativa não é responder às nossas questões mais profundas, mas colocar à nossa disposição as respostas que outros deram [...] e assim incluí-las no registro de consultas sobre o que o homem falou. (GEERTZ, 1998, p. 38-41)

## REFERÊNCIAS.

BALANDIER, G. A Desordem – Elogio do Movimento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

FAZENDA, I. Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa. São Paulo: Papyrus, 2001.

\_\_\_\_\_ (org.) Dicionário em Construção: Interdisciplinaridade. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_ (org.) Didática e Interdisciplinaridade. São Paulo: Papyrus, 2001.

GEERTZ, C. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

JAPIASSU, H.. A Crise das Ciências Humanas. In: FAZENDA, I (org). A Pesquisa em Educação e as Transformações do Conhecimento. São Paulo: Papyrus, 1995.

\_\_\_\_\_ Desistir de Pensar? Nem Pensar! São Paulo: Letras & Letras, 2001.

MARTINS, J.. Não somos cronos, somos kairós. Revista Kairós, n.1, São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia PUC-SP, 1998.

MORIN, E. Ciência com Consciência. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

PAIS, J.M. Viajando o cotidiano e seus enigmas. Revista Margem, n.12, Faculdade de Ciências Sociais PUC-SP, FAPESP / EDUC, 2000.

RANDON, M. O Belo. In. NICOLESCU, B. Educação e Transdisciplinaridade. Brasília: Unesco, 2000.

SANTOS, B. S. A Crítica da Razão Indolente. Contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000.

SEVERINO, A. J. O Conhecimento Pedagógico e a Interdisciplinaridade: O saber como intencionalização da prática. In: FAZENDA, I (org.). Didática e Interdisciplinaridade. São Paulo: Papirus, 2001.

WASSERMANN, S. et.al. Ensinar a Pensar. São Paulo: EDUSP, 1972.